

TRADIÇÃO, DRAMA E ESTIGMA: O BRASIL NAS COPAS DE 1974 A 1990 SEGUNDO O JORNAL THE NEW YORK TIMES

TRADITION, DRAMA, AND STIGMA: BRAZIL IN THE WORLD CUPS FROM 1974 TO 1990 ACCORDING TO THE NEW YORK TIMES

RODRIGO REIS¹

RESUMO

O artigo analisa as representações do futebol brasileiro na cobertura do *The New York Times* durante as Copas do Mundo de 1974 a 1990, com foco nas últimas partidas disputadas pela seleção brasileira em cada edição. O objetivo é compreender como o imaginário internacional constrói sentidos sobre o futebol do Brasil, alternando entre a exaltação do chamado futebol-arte e a ênfase em derrotas, estigmas e frustrações. A pesquisa adota abordagem qualitativa, fundamentada na análise narrativa de Motta (2013), com ênfase nos elementos estruturais do discurso jornalístico, como enredo, conflito, personagens e clímax. O corpus é composto por reportagens publicadas nos dias que antecedem e sucedem os jogos decisivos da seleção canarinho. A escolha do *The New York Times* se justifica por seu alcance global e por representar uma perspectiva externa, culturalmente distante da tradição futebolística brasileira. A análise revela que a cobertura jornalística internacional contribui para reforçar ou tensionar mitos construídos em torno do futebol nacional, destacando disputas simbólicas entre tradição e disforia.

Palavras-chave: Futebol brasileiro; The New York Times; análise narrativa; Copa do Mundo; comunicação e esporte.

ABSTRACT

This article analyzes representations of Brazilian football in the coverage of The New York Times during the FIFA World Cups from 1974 to 1990, focusing on the final matches played by the Brazilian national team in each tournament. The aim is to understand how the international imaginary constructs meaning around Brazilian football, oscillating between the exaltation of the so-called "futebol-arte" (art football) and the emphasis on defeats, stigmas, and frustrations. The research adopts a qualitative approach, grounded in the narrative analysis proposed by Motta (2013), with emphasis on the structural elements of journalistic discourse, such as plot, conflict, characters, and climax. The corpus consists of news articles published in the days preceding and following the decisive matches played by the Seleção. The choice of The New York Times is justified by its global reach and its external perspective, culturally distant from Brazilian football traditions. The analysis reveals that international journalistic coverage contributes to reinforcing or challenging myths surrounding Brazilian football, highlighting symbolic disputes between tradition and disillusion.

Keywords: Brazilian football; The New York Times; narrative analysis; World Cup; communication and sport.

¹ Doutor em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e jornalista pela Universidade Federal do Maranhão, campus de Imperatriz. É membro da Rede Nordestina de Estudos em Mídia e Esporte (ReNEme). Atualmente realiza pesquisa de pós-doutorado sobre "Desinformação e Descrédito da Ciência" pelo INCT em Disputas e Soberanias Informativas. E-mail: rodrigoreisz@gmail.com

Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar as representações do futebol brasileiro no jornal *The New York Times* durante as Copas do Mundo de 1974 a 1990, com foco nas últimas partidas disputadas pelo Brasil em cada uma dessas edições. Partimos da hipótese de que a cobertura internacional participa da construção e da desconstrução de sentidos sobre o futebol nacional, alternando entre a celebração da tradição do futebol-arte e a veiculação de estigmas relacionados a derrotas, comportamentos em campo e expectativas frustradas.

Compreender essas representações é fundamental para problematizar como os meios de comunicação estrangeiros atualizam, tensionam ou ressignificam mitos sobre o futebol brasileiro, especialmente em momentos de crise simbólica como as eliminações. O corpus analítico é composto por reportagens publicadas no *The New York Times*, tradicional veículo norte-americano de circulação global, com atenção às narrativas construídas em torno das partidas decisivas do Brasil nas Copas mencionadas. A escolha desse veículo justifica-se por seu alcance internacional e por representar um ponto de vista culturalmente distante do futebol latino-americano, o que possibilita observar como o Brasil é interpretado e traduzido para outras audiências.

A análise adota como base a metodologia de análise narrativa proposta por Motta (2013), centrando-se na identificação dos enredos jornalísticos, dos conflitos destacados, dos personagens em evidência, da articulação de clímax e da sucessão de eventos. Consideramos que o jornalismo, enquanto prática discursiva, mobiliza estruturas narrativas que não apenas informam, mas interpretam e dramatizam os acontecimentos esportivos. Assim, os jogos do Brasil tornam-se palco para narrativas que oscilam entre o encantamento com o talento nacional e a decepção diante de desempenhos aquém do esperado.

Ao privilegiar momentos de eliminação, buscamos capturar as fissuras na imagem hegemônica do Brasil como potência futebolística. Mais do que relatar os resultados dos jogos, o *The New York Times* contribui para a construção simbólica do Brasil, ora reforçando mitos consagrados, ora questionando-os ou oferecendo leituras alternativas.

Narrativas jornalísticas, mitos e o futebol-arte

A imagem do Brasil como “país do futebol” constitui uma das representações mais difundidas sobre a identidade nacional no imaginário global. Essa configuração simbólica é produto de um processo histórico de narrativas construídas por múltiplos atores — jornalistas, intelectuais, torcedores e agências estatais — e atravessado por disputas de sentido. No centro dessa representação, encontra-se a ideia do “futebol-arte”, frequentemente associada ao talento, à leveza, à criatividade e à suposta singularidade do estilo brasileiro de jogar futebol.

Essa noção de “futebol-arte” não é apenas uma descrição estética; trata-se de um mito cultural, ou seja, uma narrativa que se torna naturalizada ao ponto de ser percebida como verdade incontestável, conforme propõe Roland Barthes (2001) ao tratar o mito como “uma fala escolhida pela história” – um modo de dizer o mundo de maneira simbólica, seletiva e ideologicamente

marcada. Assim, o futebol-arte opera como um dispositivo mitológico que traduz valores como improviso, beleza e autenticidade brasileira no plano esportivo e midiático.

Autores como Helal (2011), Guedes (2009) e Amaro, Helal e Mostaro (2015) observam que a construção dessa ideia está intimamente ligada à consolidação da seleção brasileira como uma metáfora da nação. Guedes, por exemplo, vê no estilo de jogo nacional uma homologia estrutural com o “povo brasileiro”, identificando na mestiçagem, na improvisação e na ludicidade os elementos que singularizam o Brasil perante o mundo. Já Helal (2011) questiona a permanência desse mito diante das transformações do futebol moderno, mas admite sua força simbólica e eficácia na consolidação de uma identidade futebolística nacional.

O futebol-arte, tal como difundido na imprensa e na cultura brasileira, possui raízes intelectuais no pensamento de Gilberto Freyre (1938, 1947), que associou a ginga dos jogadores mestiços a uma herança cultural afro-brasileira, promovendo uma distinção estética frente ao futebol europeu. Em sua interpretação, o futebol brasileiro seria dionisíaco — cheio de floreios, dança e improviso — em contraposição ao apolíneo futebol europeu, mais racional, rígido e mecânico. Essa narrativa foi amplificada por cronistas como Mário Filho, José Lins do Rego e Nelson Rodrigues, que romantizaram a mestiçagem e o talento nato como diferenciais nacionais (Antunes, 2004; Hollanda, 2003).

Nesse sentido, a construção mítica do futebol-arte deve ser entendida também como um processo de mediatização. O papel da imprensa, especialmente a esportiva, é central para a consolidação de símbolos, metáforas e heróis. Mário Filho (2010), por exemplo, ao narrar a ascensão do “negro no futebol brasileiro”, promove uma leitura heroica, integradora e afetiva, que fortalece a noção de brasilidade. Hollanda (2021) e Silva (2006) observam que, embora sua obra seja controversa enquanto fonte histórica, ela se tornou central para a configuração simbólica do futebol nacional.

No campo do jornalismo, as narrativas desempenham um papel essencial na reprodução desses sentidos. Conforme Motta (2013), narrar é ordenar o mundo: os relatos jornalísticos, especialmente os produzidos durante eventos esportivos de grande visibilidade como as Copas do Mundo, atuam como instâncias de mediação simbólica, construindo enredos, conflitos, heróis e vilões. A análise narrativa proposta por Motta se apoia na identificação de estruturas como clímax, sucessão de eventos, papéis dos personagens e desfechos, o que permite compreender o discurso jornalístico não apenas como relato factual, mas como forma de interpretação e dramatização do real.

A cobertura da imprensa internacional, como é o caso do *The New York Times*, é especialmente relevante por oferecer uma perspectiva culturalmente distante. Seu olhar externo permite observar não apenas como o Brasil se vê, mas como é visto. Zelizer (2000) e Traquina (2005) enfatizam o papel das “comunidades interpretativas” no jornalismo, ou seja, grupos profissionais que compartilham enquadramentos, estilos narrativos e visões de mundo que moldam a cobertura dos fatos. Assim, mesmo um jornal com pouca tradição futebolística como o NYT recorre a esquemas narrativos já consolidados — como a exaltação do talento brasileiro ou o espanto diante de derrotas inesperadas — para interpretar os acontecimentos esportivos.

Essa recepção internacional também é influenciada pela exportação simbólica da identidade brasileira. Toledo (2000) afirma que o futebol, mais do que um jogo, tornou-se um dos principais vetores de expressão da cultura nacional para o mundo. É por meio de performances como o

drible, o improviso e a malandragem que o Brasil se apresenta como distinto — e desejável — aos olhos externos. A própria cobertura da mídia estrangeira, como o documentário “Gabriel Jesus: Made in Brazil” opera com base nesse repertório simbólico já consolidado.

Por fim, ao analisar a atuação do *The New York Times* durante as Copas do Mundo de 1974 a 1990, especialmente nas partidas que marcaram a eliminação brasileira, busca-se entender como o jornalismo internacional tensiona ou reitera esses mitos fundadores. Conforme Anderson, Bell e Shirky (2013), mesmo veículos tradicionais operam sob lógicas dramatúrgicas, transformando jogos em narrativas com início, meio e fim, com heróis, vilões e ensinamentos morais.

As eliminações do Brasil pela ótica do *The New York Times* (1974–1990)

A Copa do Mundo de 1974 aconteceu na Alemanha Ocidental e teve como campeã a seleção anfitriã. O Brasil foi eliminado no dia 3 de julho pela Holanda, por um placar de 2 a 0, no estádio Westfalenstadion, localizado na cidade de Dortmund. Em seguida, o Brasil disputou o terceiro lugar da competição contra a Polônia e perdeu por 1 a 0 no Estádio Olímpico em Munique, na data de 6 de julho. Conhecido esse breve contexto, qual a narrativa do *The New York Times* para esta Copa?

Às vésperas do jogo contra a Holanda, o jornal publicava “Brasil, sem Pelé, ganha apoio para vaga na final da Copa do Mundo” (*The New York Times*, 1974, p. 42), com assinatura do jornalista Alex Yannis. As cinco matérias referentes à eliminação do Brasil deste evento foram escritas por ele. Na partida anterior à derrota para a Holanda, portanto, destaca-se o mau desempenho da seleção até então, lembra-se dos feitos e craques de 1970 e acredita-se em uma ‘visada’ rumo à final pelo simples fato de o Brasil ser o Brasil, pois estatisticamente as chances eram mínimas.

Na primeira fase, o Brasil empatou em 0 a 0 com a Iugoslávia e a Escócia e venceu o Zaire (hoje República Democrática do Congo) por 3 a 0. Na quadrangular semifinal venceu a Alemanha Oriental por 1 a 0 e a Argentina por 2 a 1, porém precisaria vencer impreterivelmente a Holanda devido ao saldo de gols, conforme regulamento à época. Devido aos dois últimos jogos vitoriosos antes de enfrentar os holandeses, o *The New York Times* argumenta que apesar dos resultados ruins na primeira fase, a vitória, principalmente contra a Argentina, teria sido um sinal de força, pois a seleção teria se parecido com a de 1970.

Ontem os brasileiros pareciam os brasileiros do passado, contra a Argentina, e o faziam sem suas quatro estrelas no México – jogadores como Pelé, Gerson, Tostão e Carlos Alberto. Uma cena que lembrou a disputa pela Copa no México em 1970 se repetiu ontem em Hanover, depois que Jairzinho marcou o segundo e decisivo gol do Brasil. Depois que a bola caiu na rede argentina, Jairzinho foi para a linha lateral, ajoelhou-se e benzeu-se três vezes antes de ser cercado pelos seus companheiros (*The New York Times*, 02/07/1974, p. 42).

Várias fontes foram acionadas para legitimar a confiança no Brasil. O técnico da seleção de 1974, Mário Zagallo, dizia que a equipe havia sido ‘cancelada’ muito cedo e que não deveria ser subestimada. Pelé, crítico da atuação da seleção, mudará de opinião para aquele jogo e depôs confiante na vitória brasileira. Porém, a maior demonstração de força vinha dos rivais, o técnico da Alemanha Ocidental, Helmut Schoen, disse que estava feliz por não estar no mesmo grupo do Brasil e o atacante da seleção holandesa declarou a defesa brasileira como difícil para eles.

Além disso, o jornal traz o depoimento de um torcedor brasileiro que dizia acreditar na seleção do mesmo modo como acredita em Deus. Embora apresente muitas vozes na matéria anterior à partida da eliminação, todas elas dialogam para mostrar a convicção no êxito da seleção canarinho.

Mas o Brasil perdeu para o time holandês e foi desclassificado da competição, restando ainda um jogo contra a Polônia pela disputa do terceiro lugar. Não bastasse a derrota, o jogo colocou em xeque características pelas quais a seleção estava começando a ser reconhecida mundialmente: o jogo ofensivo, a postura de ataque. Interessante que, ao menos na narrativa do *The New York Times* até esta Copa, não é central a qualificação do jogo brasileiro como bonito, futebol-arte ou expressões com o mesmo sentido. Brutalidade foi o termo recorrente para caracterizar como os jogadores brasileiros perderam:

Em vez de se entregar ao futebol ofensivo, sua marca registrada do passado, e conceder gentilmente a um time superior, os brasileiros mostraram as facas. Eles chutaram os holandeses a torto e a direito e antes do final do primeiro tempo o árbitro marcou três cartões brasileiros e ninguém o culparia se ele tivesse marcado cinco ou seis (...)

Mas, mais uma vez, os holandeses provaram que a brutalidade não pode impedir a superioridade (...)

Os jogadores holandeses, no entanto, foram francos sobre as táticas do Brasil. "O que os brasileiros fizeram foi uma vergonha", disse Theo De Jong. "Quando eles não podem ter sucesso com meios comuns, eles empregam a brutalidade" (*The New York Times*, 05/07/1974, p. 26).

Depois desse jogo não foram mobilizadas fontes para esclarecimentos da versão brasileira, nem do técnico, jogador ou mesmo torcedor. A visão dos jogadores holandeses sobre a brutalidade foi preponderante e eles teriam suposto ainda que os atletas brasileiros jogaram "chapados"². Tais rumores do uso de drogas, conforme destacou o jornalista Alex Yannis, foram negados a posteriori pela comissão médica da FIFA. O não dito deste episódio é que a associação holandesa sugere o uso de bebidas alcoólicas numa tentativa de estigmatizar os jogadores brasileiros como 'cachaceiros', uma representação cultural tida como pejorativa, de desprestígio e repúdio (Silva e Mello, p.11-14, 2010). A representação não vigorou devido aos exames médicos e o Brasil seguiu na disputa pelo terceiro lugar contra a Polônia, em desprestígio devido somente à má performance nos campos.

Ao perder para a Polônia, o *The New York Times* revela que muitos especialistas do futebol sugerem o jogador holandês Johan Cruyff como 'indiscutivelmente' o rei do futebol desde a retirada de Pelé das competições internacionais. Não há espaço para mais narrativas positivas sobre a seleção brasileira, apenas registra-se em poucas linhas como perdeu por 1 a 0 para os poloneses. As expectativas para a Copa de 1974 tornaram-se frustradas e o jornal americano ainda não considera o time brasileiro como invencível e Pelé como referência mundial após 1970.

A Copa de 1978 realizada na Argentina desafia a estratégia metodológica adotada, pois se estamos observando as narrativas em torno do momento ápice da seleção no campeonato onde a mesma é eliminada ou se consagra campeã, como analisar esta Copa em que o Brasil permaneceu invicto e foi desclassificado? Nesse sentido, estritamente nesta Copa, escolhemos o jogo Brasil e Polônia realizado no dia 21 de julho, pois embora a seleção canarinho tenha vencido por

2 "High", exatamente entre aspas, foi a palavra utilizada, podendo ser traduzida também como 'alterado', 'drogado', todavia, o uso das aspas indica a tradução pelo contexto como 'chapado'.

3 a 1, esta foi sua última partida rumo ao título, pois foi desclassificada. E por quê? Nesta Copa, assim como na de 1974, o regulamento da segunda fase não previa mata-mata, e sim saldo de gols. Por essa métrica o Brasil foi eliminado, conforme entenderemos melhor a seguir pelas matérias que tentam explicar o cenário controverso.

Às vésperas da partida, o título do jornal americano destacava: “4 equipes na batalha final da Copa do Mundo” (The New York Times, 20/06/1978, p.4). Estas seleções são a Argentina, Brasil, Holanda e Itália, tidas como favoritas para disputar a final. Para apreensão do imbróglio que o jornal irá apresentar, antecipamos um quadro com os jogos, a data e o horário.

Ou seja, o jornal avaliou as partidas anteriores e, conforme o regulamento, o finalista do Grupo A seria Holanda ou Itália e do Grupo B seria Brasil ou Argentina. O drama é: conforme percebe-se nos horários dos jogos do Quadro 1, os jogos do Grupo A ocorrem no mesmo horário e os do Grupo B em horários díspares. Desse modo, a Argentina joga com o Peru sabendo o quantitativo de gols necessário para ser classificado.

Quadro 1 - Jogos decisivos para a final da Copa de 1978

Jogos do Grupo A - 21 de junho				
13H45		Áustria	x	 Alemanha Ocidental
13H45		Holanda	x	 Itália
Jogos do Grupo B - 21 de junho				
16H45		Brasil	x	 Polônia
19H15		Argentina	x	 Peru

Fonte: Elaboração do autor

Em função disso, o jornal noticia os apelos feitos pelo Brasil e pela Polônia para a partida ser disputada simultaneamente ao jogo entre Argentina e Peru. Os pedidos foram negados pelo presidente da FIFA, João Havelange, sob o argumento de problemas técnicos relacionados ao horário reservado da televisão via satélite que não poderia ser alterado.

O jornalista Juan de Onis também escreveu críticas ao sistema de pontuação da competição considerado injusto pelo motivo de uma seleção ser desclassificada mesmo sem perder uma partida. O exemplo dado até aquele momento era: Itália e Brasil, invictos e com possibilidades de não chegarem à final, enquanto equipes que perderam algum jogo, como Argentina e Holanda, poderiam ser as finalistas. As críticas são endossadas pelo técnico italiano, Enzo Bearzot, que concedeu vários depoimentos mostrando preocupações com o que estava por vir. O jornalista atenta que a situação do Grupo A é a mesma do Grupo B, pois “se a Argentina derrotar o Peru por vários gols, o Brasil pode ficar fora da final com média de gols, mesmo que vença a Polônia por um gol” (The New York Times, 21/06/1978, p.8).

Até aquele momento, o jornal dialoga com a narrativa de um regulamento injusto da Copa do Mundo. No entanto, há um silenciamento quando as partidas ocorrem, principalmente em relação à desclassificação do Brasil, pois a Itália de fato perdeu para a Holanda por 2 a 1, mas o Brasil não perdeu para a Polônia, vencendo-a por 3 a 1, sendo eliminado em função da goleada da Argentina no Peru por 6 a 0. Este episódio obscuro abriu margem para as mais diversas conspirações ou, como escreveu Eduardo Galeano, “a goleada, 6 a 0, encheu de dúvidas os mal pensantes, e os bem pensantes também” (Galeano, 2004, p. 151).

Ao se posicionar sobre o assunto, Guterman (2009, p. 198) faz uma associação com os interesses da Ditadura Militar na Argentina (1976-1983), pois, segundo ele, “para os generais argentinos, ganhar a Copa em casa era um dever cívico, cujo cumprimento se daria pelos meios que fossem necessários – muito além do campo esportivo”. Sem abordar diretamente este aspecto, outros autores (SILVA, 2010; FILHO, 2004 e SIMÕES, 2010) compram o depoimento do técnico da seleção brasileira, Cláudio Coutinho, que definiu o Brasil naquela competição como “campeão moral”. Mas nada dessas apreensões aparecem na matéria do *The New York Times* sobre a vitória por 6 a 0 contra o Peru, assinada pelo jornalista americano David Hume, correspondente de vários veículos internacionais. O jornal diz que a Argentina precisava vencer por pelos menos 4 a 0 para ser finalista e venceu. Desse modo, não alimenta a narrativa da vantagem no horário do jogo, relações com a Ditadura Militar e a vitória com alto saldo de gols. Mas um dado é destacado como curioso pelo veículo: o goleiro do Peru, Ramon Quiroga, nasceu na Argentina e posteriormente adquiriu cidadania peruana, tornando-se elegível para ser convocado para o time argentino. Embora não dito, fica a impressão de que este teria sido o motivo dos gols sofridos.

Depois de desclassificado, o Brasil disputou o terceiro lugar contra a Polônia e venceu, porém, esta partida não virou notícia no veículo e a atuação da seleção de 1978 é esquecida. Todas as atenções a partir de então ficaram direcionadas ao jogo da final entre Argentina e Holanda. Contudo, o Brasil irrompe as narrativas da final quando são feitas recapitulações das Copas de 58, 62 e 70, citando o exemplo da revelação de Pelé como craque e de esquemas táticos capazes de confundir os adversários, memórias que se esperava ver em campo novamente, mesmo que por outras seleções.

Em 1982, a Copa do Mundo foi realizada na Espanha com a participação de 24 seleções (até 78 eram 16). O jogo decisivo que eliminou o Brasil da competição ocorreu no dia 5 de julho no estádio Sarriá, em Barcelona, em uma derrota para a Itália por 3 a 2. A seleção brasileira desta Copa é considerada por muitos pesquisadores e jornalistas como uma das mais representativas do futebol-arte, cativante e com atletas habilidosos. O correspondente do *The New York Times*, o colunista esportivo George Vecsey, escreveu duas matérias sobre o jogo: um texto sobre a alegria do povo brasileiro nas ruas de Barcelona à espera do jogo e depois sobre a derrota para o time italiano.

As comparações, metáforas e alegorias feitas pelo jornalista George Vecsey sobre a torcida brasileira solidificam a percepção para o estrangeiro do torcedor brasileiro como fanático por futebol. Os estereótipos do povo dançante, alegre e sempre carnavalesco percorrem todo o texto “*Sports of The Times: Dança sem fim nas ruas*” (The New York Times, 04/07/1982, Seção 5, p. 3). Apesar das perspectivas abordando a seleção brasileira como metonímia da nação (GASTALDO, 2009, GUEDES, 1998), encontramos aqui a nação por si só representando o futebol nacional. De todos os países, são os brasileiros os torcedores eleitos como responsáveis por carregar a paixão pela bola nos pés, com trocadilhos de que estes são dançantes. O jornalista traduz para

os leitores a palavra “torcida” no sentido literal como “o efeito de torcer”, mas destaca que no Brasil torcer é um verbo destinado para o futebol.

A famosa “La Rambla”, principal avenida de Barcelona, segundo a publicação, estaria com mais vitalidade do que o habitual devido à presença dos brasileiros:

Negros altos e dignos usam cartolas e chapéus gaúchos e bonés macios, e criam o ritmo do samba; mulheres negras altas e bonitas dançam na frente deles. Ao redor deles surge uma multidão de brasileiros vestidos com camisetas amarelas e verdes, com os braços para cima, comemorando um carnaval em julho, comemorando o futebol, comemorando a vida. Esses são os brasileiros, coração e alma da metade norte da Copa do Mundo. (...) (*The New York Times*, 04/07/1982, Seção 5, p. 3).

Ou seja, a narrativa do futebol brasileiro perpassa a importância e o papel do torcedor descontraído, dançante e vibrante. Todavia, a famosa torcida brasileira verde e amarelo, como é descrita, calou-se perante a vitória italiana por 3 a 2. O episódio inesperado, devido a seleção canarinho ter feito uma boa campanha inicialmente, deixou surpreso não somente torcedores, mas a imprensa de modo geral. O jornal atribuiu a derrota à atuação excepcional do atacante italiano Paolo Rossi, responsável pelo *hat trick* decisivo para a desclassificação brasileira.

O jogador brasileiro Sócrates, apresentado como um estudante de Medicina, abriu o placar para o Brasil e Falcão fez o segundo gol, relatado como um dos mais brilhantes do torneio. Ao descrever a habilidade individual de Falcão em distrair os adversários com total controle da bola, o impresso traz o seguinte depoimento para explicar o significado do jogo brasileiro: “Nós jogamos um futebol criativo”, disse Tele Santana, o técnico brasileiro. Os jogadores brasileiros devem ter uma margem de liberdade para jogar futebol. Tínhamos um plano, mas outras coisas aconteceram.” (*The New York Times*, 06/07/1982, Seção C, p.11).

O jornal não questiona se o futebol-arte ou criativo é limitado ou foi incapaz de permitir a vitória brasileira, apenas expõe a regra: o time com maior saldo de gols vence. Para a literatura brasileira, o episódio ganhou, assim como em 1950, ampla repercussão, nomeado de “Tragédia de Sarriá”, com dezenas de autores tentando explicar os motivos da derrota (Andrade, 2002; Costa, 2014; Falcão, 2012; Mora, 2012, Roman e Zanata, 2012 e Saldanha, 2002). O próprio jogador Paulo Roberto Falcão escreveu o livro “Brasil 82: o time que perdeu a Copa e conquistou o mundo” para explicar a derrota pela ótica dos jogadores e rememorar os feitos espetaculares daquela seleção e a representatividade dela para o futebol-arte.

De fato, embora a Itália tenha vencido o Brasil, no *The New York Times* a narrativa do jogo bonito pertence aos brasileiros. A exemplo, o terceiro gol do italiano Paolo Rossi é descrito como uma captura da bola no emaranhado do jogo e um chute forte rumo ao gol. Ressalte-se que o jornal não nomeia o futebol brasileiro como arte, mas descreve os passes e os gols com adjetivos elogiosos. Curiosamente, o jogador Zico, referência desta Copa, é citado apenas uma vez e brevemente, apenas para dizer que ele estava sendo marcado pelo zagueiro italiano Claudio Gentile. Em um estudo mais focado em todos os jogos da seleção nesta Copa, é possível que a atuação deste craque brasileiro tenha sido evidenciada, mas nesta partida não é destaque. Por fim, observamos nesta edição do campeonato uma narrativa valorativa à torcida brasileira, como representante de um jeito autêntico de torcer pelo futebol, e a seleção despontando em criatividade no campo.

A Copa do Mundo de 1986 voltou a ser realizada no México devido à renúncia da Colômbia em sediar o megaevento por motivos econômicos. Desse modo, 16 anos após o tricampeonato em 70, o mundo voltava a atenção para os estádios mexicanos. O Brasil tinha como técnico novamente Telê Santana e craques consagrados como Sócrates, Zico e Falcão. A partida que eliminaria o Brasil ocorreu no dia 21 de junho contra a França no Estádio Jalisco, em Guadalajara.

Às vésperas desta partida, o jornal americano destacava a expectativa no título: “Emoção aumenta para Brasil-França”³ (The New York Times, 21/06/1986, Seção 1, p. 48). A matéria assinada pelo jornalista Alex Yannis mostra como o jogo entre Brasil e França gera no público local mais entusiasmo do que o time de casa, o México. E destaca a opinião de jornalistas, técnicos, atletas e torcedores lamentando que os dois times tenham que se enfrentar logo nas quartas de final.

A seleção canarinho é tida como favorita por ter ganho todos os jogos até então e perder em número de torcedores apenas para o público local do México. Todavia, os franceses são apresentados como um adversário de alto nível, com três vitórias e um empate. Muitas vezes são acionadas para comentar as probabilidades do embate. Do lado francês, o atacante Dominique Rocheteau disse que gostava de jogar contra o Brasil porque é um time ofensivo, mas que isso não seria um obstáculo. E o meio-campo Michel Platini, responsável pelo gol que eliminou a Itália (campeã de 1982), disse que esperava jogar melhor que os brasileiros. Do lado do Brasil, o capitão da seleção, Edinho, destacou que a partida iria ser um grande show para os fãs de futebol, justamente por considerar ambos os times com a mesma força. Zico segue o mesmo ritmo e diz que ambas equipes estão jogando melhor a cada dia e que os torcedores serão os vitoriosos ao presenciarem o jogo.

Com o passar dos anos, observamos o *The New York Times* interagindo mais com os jogadores e fontes do mundo futebolístico, o que denota uma pluralidade de vozes na construção da narrativa do jornal. Neste caso, após ouvir todas as fontes, o jornal recorda que a última vez que Brasil e França se encontraram em campo foi na Copa de 1958, com vitória brasileira de 5 a 2, rumo ao tricampeonato. Com este uso da memória, o jornal considera o Brasil favorito. Ainda nesta matéria, há um breve destaque para as outras partidas das quartas de final entre Argentina e Inglaterra, Alemanha e México, e Espanha e Bélgica, todos jogos igualmente decisivos, no entanto, Brasil e França é considerado o mais importante e emocionante.

Todo o suspense do jornal comprovou-se porque o jogo entre a seleção francesa e a brasileira foi conceituado como uma final de Copa antes da final. O jornalista Alex Yannis descreve o confronto como um dos mais dramáticos dos 56 anos da história das Copas do Mundo, pois ocorreu um empate em 1 a 1 no tempo regulamentar, sem alteração nos dois períodos de prorrogação, levando a decisão para os pênaltis, que o Brasil perdeu por 4 a 3. Antes disso, o texto valoriza o primeiro gol brasileiro:

(...) o Brasil abriu o placar após uma combinação maravilhosa envolvendo quatro jogadores. Tudo começou aos 17 minutos na ala direita do ataque com Muller, que passou para Sócrates pelo meio. Sócrates empurrou a bola para Júnior, que retransmitiu para Careca, maior goleador do Brasil no torneio. Careca recebeu do lado esquerdo da área e disparou um tiro de bala para Bats, que teve poucas chances (The New York Times, 22/06/86, seção 5, p. 1).

Quando o francês Michel Platini empata o jogo, o jornal realça que tratou-se de um gol contra um adversário formidável para comemorar o aniversário de 31 anos do atacante durante uma Copa do Mundo. Ou seja, mesmo em desvantagem o Brasil é narrado positivamente. Neste jogo, Zico é nomeado como um herói que entrou em campo graças aos pedidos dos torcedores do Brasil, mas perdeu um pênalti, silenciando a torcida presente. O gol poderia ter decidido a partida em tempo normal. Por esse motivo, Zico quase passa de herói para vilão, porém, a carreira gloriosa de títulos nacionais foi mais intensa, constringendo uma tipificação de vilão. Costa (2008, p.15), ao citar esse pênalti perdido, conta que “apesar de ter ganhado a fama de pé-frio, Zico não amargou a vilania daquela dramática derrota. Pois ser vilão é conviver com acusações e com o imenso peso da culpabilização por uma derrota”.

Com a saída do Brasil do torneio, a atenção jornalística volta-se para outro confronto considerado importante: Argentina e Inglaterra. Nesse sentido, o jornal coloca as expectativas no time argentino por ser o último representante sul-americano ainda em disputa pela Copa do Mundo de 1986 com capacidade de igualar uma conquista no continente europeu. “O Brasil é o único país sul-americano com vitória na Europa, na Suécia, em 1958. Mas desta vez, o Brasil, que conquistou sua terceira Copa do Mundo, em 1970, depois de vencer em 1958 e 1962, está voltando para casa de mãos vazias” (*The New York Times*, 22/06/86, seção 5, p. 1). Aos poucos, percebe-se como as conquistas anteriores da seleção se fortalecem nas narrativas da imprensa como um exemplo referencial para ser seguido, como um *script* a ser cumprido.

Em 1990, a Copa do Mundo foi sediada na Itália com a participação de 24 seleções, tendo como favoritas as equipes argentina (vencedora de 1986) e italiana (anfitriã). O Brasil não despontava entre os seletos para o título, pois além do jejum de vitórias desde 1970, sob o comando do técnico Sebastião Lazaroni, mostrava em campo um futebol mais pragmático, desalinhado com a característica de futebol-arte atribuída à seleção. A imprensa brasileira criticou bastante o modelo incorporado principalmente pelo volante Carlos Caetano Bledorn Verri (Dunga). Por esse motivo, para muitos jornalistas, ali começara a “Era Dunga”, um futebol focado na busca de resultados positivos sem a exibição do futebol-arte, bastante incentivado pelo técnico Telê Santana.

Dito isto, o jogo decisivo para o Brasil ocorreu no dia 24 de junho no estádio Delle Alpi, em Turim, contra a Argentina pelas oitavas de final. Às vésperas da partida, o *The New York Times* não publica matéria sobre o clássico sul-americano, não há expectativas e opiniões dos colunistas sobre este jogo. O Brasil aparece como pauta por outro motivo neste dia: dois leitores do jornal estadunidense reclamam do artigo “O pequeno grande homem do futebol”⁴ publicado em 27 de maio de 1990 pelo jornalista George Vecsey. Antes de prosseguir, vale contextualizar que o texto contestado trata da carreira de Maradona e ocupa quatro páginas do *The New York Times* com fotos, intertítulos e depoimentos sobre o jogador, uma vez que o repórter conta que tentou inúmeras entrevistas sem sucesso com o ídolo argentino. É um relato de fôlego elogioso ao atleta, principalmente sobre a sua performance na Copa de 1986, destacando histórias como a famosa “Mão de Deus” e as expectativas para o possível tricampeonato argentino.

Adiante, a eliminação do Brasil para a Argentina por um placar de 1 a 0 não é o dado mais relevante para o jornalista/narrador George Vecsey, mas sim as relações e os significados da partida entre os países vizinhos. Por esse motivo, o texto segue uma estrutura mais espontânea, menos engessada, se comparado ao lead que o jornalista escrevia em outros textos da Copa.

O primeiro parágrafo é uma prova disso: “Ele vestiu a lendária camisa amarela do Brasil como troféu de uma guerra primitiva. Ele acenou para as arquibancadas como se brandisse a pele de um inimigo vencido” (The New York Times, 25/06/1990, seção 3, p.3).

“Ele” trata-se de Maradona. A camisa da seleção que vestiu foi do jogador Careca que também ganhou uma camisa albiceleste. A relação de amizade entre os dois atletas é desenvolvida na narrativa a partir do relato de uma ligação de Maradona para Careca na qual prometiam não desfazer os laços de companheirismo. O único gol da partida, decisivo para a desclassificação do Brasil, é citado no texto como ocorrido aos 80 minutos, articulado por dribles de Maradona e dado de cortesia para o atacante Claudio Caniggia converter em gol.

O Brasil, eterno campeão da Copa do Mundo que não vence desde 1970, havia perdido para a Argentina, atual campeã da Copa do Mundo, e como o próprio Diego Armando diria mais tarde, “o Brasil teve muito azar!” (...) Esse é um dos encantos mistos do futebol, que nem sempre o melhor time vence. O Brasil jogou e jogou e jogou, e a Argentina defendeu e defendeu e defendeu. E a Argentina ganhou, do infinito ao nada. (...) Em um mar revolto de amarelo e verde, o Brasil, com seus três campeonatos, jogou contra a Argentina, com seus dois. No final do jogo, quando Maradona fez aquele lance desde que havia feito lá em 1986, ele e Careca se abraçaram na lateral e trocaram as camisas. (...) Na selva, a recompensa é o almoço. Na Copa do Mundo, é uma camisa amarela usada por um jogador argentino acenando para uma multidão de brasileiros (The New York Times, 25/06/1990, seção 3, p.3).

Ou seja, boa parte do relato gira também em torno do ídolo argentino, lembrado como aquele que dominou a Copa de 1986 com ‘as mãos, os pés e a vontade’ de vencer. De 1950 até esta Copa, nenhum adversário tinha aparecido com tanta proeminência no *The New York Times* como um contraponto à supremacia brasileira no futebol. Mesmo assim, a Copa de 1970 e o uso da camisa verde-amarela tanto por jogadores quanto torcedores surgem como referenciais de resistência perante a conquista argentina.

Considerações Finais

O presente estudo evidenciou como a cobertura do The New York Times entre as Copas do Mundo de 1974 e 1990 participa ativamente da construção simbólica em torno da seleção brasileira, tensionando os sentidos atribuídos ao futebol-arte. Se, no Brasil, esse mito já havia sido amplamente alimentado por cronistas esportivos e intelectuais locais, a contribuição da imprensa internacional — particularmente de um veículo com a relevância global do NYT — ainda carecia de investigações sistemáticas. Este artigo, portanto, preenche uma lacuna ao abordar um corpus que até então não havia sido explorado sob essa perspectiva crítica.

A análise narrativa permitiu identificar três grandes eixos que ajudam a compreender o título proposto: tradição, drama e estigma. A tradição aparece recorrentemente como referência simbólica ao passado glorioso, especialmente nas alusões às Copas de 1958, 1962 e 1970. Mesmo em momentos de fracasso, como em 1986 ou 1990, o NYT mobiliza essa memória para qualificar a seleção canarinho como herdeira de uma linhagem prestigiosa, o que evidencia a força do imaginário futebolístico brasileiro no cenário global.

O drama se materializa na própria estrutura narrativa adotada pelo jornal: há expectativa, suspense, personagens heroicos e trágicos, desfechos abruptos. A eliminação em 1982, por exemplo, é construída como uma tragédia estética, onde o time mais bonito não foi o vencedor. Já em 1978, o drama se dá pela frustração diante de um regulamento controverso e da suspeita não abordada de manipulação de resultados. Em 1990, o texto se afasta da análise tática para explorar a teatralidade simbólica de Maradona vestindo a camisa brasileira — uma cena que condensa a derrota como espetáculo e reversão de papéis.

Por fim, o estigma é mais evidente em momentos em que o jornalismo do NYT se afasta do elogio e investe na crítica, muitas vezes incorporando visões externas que associam o Brasil a comportamentos antidesportivos (como em 1974, com o uso do termo “brutalidade”) ou sugerem uma decadência do estilo outrora encantador (como em 1990, ao narrar o futebol pragmático da “Era Dunga”). Nesses momentos, a identidade simbólica do futebol brasileiro é colocada em xeque, revelando que o mito do futebol-arte não é estático: ele pode ser reforçado, mas também corroído, contestado e reconfigurado.

Em síntese, o *The New York Times* não apenas noticiou as campanhas da seleção brasileira em Copas do Mundo. Ele reinterpretou o Brasil a partir do futebol, dramatizou suas derrotas e vitórias simbólicas, e atuou como uma instância tradutora da identidade nacional para o público estrangeiro. O mito do futebol-arte, portanto, não se sustenta apenas pelas glórias ou pelos títulos, mas também por sua resiliência simbólica diante das derrotas — onde tradição, drama e estigma se entrelaçam na narrativa internacional sobre o Brasil.

Referências

- AMARO, Fausto; HELAL, Ronaldo; MOSTARO, Filipe. Futebol, nação e representações: a importância do estilo “Futebol-arte” na construção da identidade nacional. *História Unisinos*. São Leopoldo, v. 19, n. 3, p. 272-282, 2015.
- ANDERSON, C. W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. *Jornalismo pós-industrial: adaptando-se ao presente*. Revista de Jornalismo ESPM, 2012.
- ANTUNES, Fátima Martins. *Com brasileiro não há quem possa?* Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Ed. Unesp, 2004.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Tradução de Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. *Diário de Pernambuco*, 17 jun. 1938.
- GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Trad. Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- GASTALDO, Édison. Ritos da Nação: uma videoetnografia da recepção coletiva da Copa do Mundo no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 31, n. 1, p. 209-222, 2009.
- GUEDES, Simone Lahud. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (orgs.). *História do Esporte no Brasil*. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.
- HELAL, Ronaldo. Mitos e Verdades do Futebol (que nos ajudam a entender quem somos). *Insight Inteligência* (Rio de Janeiro), v. 52, p. 68-81, 2011.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Aquém e além de O negro no futebol brasileiro: Uma releitura da obra do jornalista esportivo Mário Filho entre os anos 1940 e 1960. *Questões & Debate*. Curitiba, v. 69, n. 2, p. 188-219, 2021.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva* em José Lins do Rego. 2003. 218 f. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise crítica da narrativa*. Brasília: UnB, 2013.

SILVA, Marcos Sergio. *O Brasil nas Copas*. São Paulo: Alameda Editorial, 2010.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo: a tribo jornalística, uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2005.

ZELIZER, Barbie. Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa. *Revista de Comunicação e Linguagens*. n. 27, p. 31-61, 2000.